



IV Seminário de Pesquisas do ProEF/UFSCar São Carlos, 29 de junho de 2024



BRANQUINHO, Paola Amorim; SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de. Educação física que não escolhe, acolhe: desafios e possibilidades para construção de uma prática pedagógica dialógica, diversa e acolhedora. *In: SEMINÁRIO DE PESQUISAS DO PROEF/UFSCAR*, 4., 2024, São Carlos. *Anais* [...]. São Carlos: ProEF/UFSCar, 2024. p. 44-47.

EDUCAÇÃO FÍSICA QUE NÃO ESCOLHE, ACOLHE: DESAFIOS E POSSIBILIDADES PARA CONSTRUÇÃO DE UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA DIALÓGICA, DIVERSA E ACOLHEDORA

Paola Amorim Branquinho

<http://lattes.cnpq.br/9377210314964710>

<https://orcid.org/0009-0006-4025-1236>

paola.amorim@estudante.ufscar.br

Osmar Moreira de Souza Júnior

<http://lattes.cnpq.br/9176123942671062>

<https://orcid.org/0000-0002-2915-5634>

osmar@ufscar.br

Resumo: A presente pesquisa tem como objetivo analisar os processos educativos emergentes de uma unidade didática voltada para o acolhimento da diversidade nas aulas de Educação Física para uma turma de alunos do 8º ano. Trata-se de uma pesquisa qualitativa pautada na metodologia da pesquisa-ação, com duração prevista para três meses, na qual estão sendo desenvolvidas ações nas aulas de Educação Física como: leituras, pesquisas, análise de vídeos, reflexões coletivas, construção de lapbooks, vivências de jogos e debates em torno dessa temática. O instrumento de produção de dados será o diário de aula, tendo como fontes a observação participante para proporcionar diálogo e reflexão entre os(as) participantes e a pesquisadora. Os dados da pesquisa serão analisados mediante a análise de categorias de codificação em três etapas: organização e leitura dos documentos, codificação dos materiais e categorização.

Palavras-chave: Educação Física; Diversidade; Práticas Pedagógicas Acolhedoras.

Introdução

Em nossa sociedade atual, a escola representa um dos principais espaços educacionais, com grandes desafios e responsabilidades frente ao ensino. Podemos considerar o ambiente escolar como um espaço plural e diverso, onde a multiplicidade característica do ser humano (gênero, raça, credo, posições políticas e orientações sexuais) coexistem. Entretanto, tamanha pluralidade não necessariamente significa respeito. Nesse contexto, alguns grupos, tais como os das pessoas LGBTQIA+, mulheres, indígenas, pessoas negras, pessoas com deficiência, são mais vulneráveis e estão exponencialmente mais propensos a sofrer com a intolerância, discriminação e preconceito. Embora, em sua essência, a escola deva ser um espaço democrático e plural, contemplada com políticas públicas inclusivas, percebe-se como são tênues as fronteiras que cruzam o discurso sobre gênero e as práticas educativas normativas (Freitas, 2022).

Atuando no município de Santos desde 2014, percebo que a cidade está na vanguarda do desenvolvimento de diferentes políticas públicas voltadas para inclusão, população LGBTQIA+, igualdade de gênero na busca da diminuição de desigualdades e na promoção de seus direitos. Entretanto observamos lacunas dessas intervenções dentro do ambiente escolar, inclusive nas aulas de Educação Física, proporcionando práticas pedagógicas meritocráticas e supressores para os corpos dissidentes/dissonantes.

Para Jesus et al. (2008) a diversidade deve ser vista na escola como um grande instrumento pedagógico, capaz de alçar os(as) aluno(as) a outro nível de compreensão da cidadania, introduzindo uma gama de situações e de sujeitos que ficam muitas vezes à margem do processo educativo por conta dos seus marcadores identitários (pessoas com idades que não correspondem à série escolar; indígenas, povos do campo e da floresta, pessoas com deficiência, corpos gordos, LGBTQIA+ etc.)

Lecionando para anos finais do Ensino Fundamental, me deparo com discentes que possuem uma relação negativa com a disciplina Educação Física, com algumas manifestações tímidas, resistentes em participar de algumas práticas corporais.

A escola necessita ser um espaço de reflexão coletiva, não apenas celebrando as diferenças, mas problematizando-as. Sabemos que nem sempre os espaços de práticas corporais, incluindo o ambiente escolar, são acolhedores e confortáveis para a maioria das pessoas e acreditamos que essa realidade necessita ser alterada. Para isso é necessário a construção de ambientes verdadeiramente democráticos e dialógicos.

bell hooks (2017) propõe estratégias de trabalho para romper com esta situação, tais como a criação das comunidades de aprendizagem (estabelecendo diálogos de atenção e de escuta ativa na sala de aula), quando a voz de cada pessoa é ouvida, a presença de cada pessoa presente é reconhecida e valorizada.

Partindo da compreensão de que a escola é um espaço plural e diverso, de que os processos de exclusão das aulas de Educação Física são uma realidade concreta e de que essas aulas priorizam alguns “corpos”, masculinos, magros, atléticos e habilidosos, reconhecendo a necessidade de problematizarmos esta realidade com vistas à sua transformação, torna-se importante trabalhar essa temática a fim de que educadores(as) e educandos(as) reconheçam que promover práticas efetivas e inclusivas para a diversidade nas aulas de Educação Física é oportuna e totalmente necessária para a superação da visão excludente da Educação Física e possibilite a ressignificação para construção de práticas pedagógicas inclusivas, dialógicas, diversas e acolhedoras.

Objetivo

O presente estudo tem como objetivo analisar os processos educativos emergentes de uma unidade didática de Educação Física voltada para o acolhimento das diversidades em uma turma de 8º ano do Ensino Fundamental.

Metodologia

A pesquisa apresentada terá uma abordagem qualitativa do tipo pesquisa-ação, cujo intuito é de buscarmos uma compreensão dos significados e representações que os(as) estudantes irão desenvolver durante a aplicação de uma unidade didática. Escolhemos esta abordagem de pesquisa, pois possibilita utilizar estratégias variadas para a coleta de dados assim como destacam Minayo e Gomes (2000).

Dentre as diversas formas de pesquisa qualitativa possíveis, optamos pela pesquisa-ação por conta de sua característica dinâmica na produção de conhecimentos que vão efetivamente produzir transformações ao nível pedagógico e não tão somente simbólicos ou burocráticos.

Para o estudo foi selecionada uma turma do período matutino do 8º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública municipal, com 25 alunos(as) matriculados, sendo 10 meninas e 15 meninos, com idades variando entre 13 e 15 anos, sendo que dois discentes possuem deficiência intelectual e são atendidos por uma professora PAEI (professor de atendimento educacional individual).

A coleta de dados está sendo realizada por meio da implementação de uma unidade didática voltada para acolhimento da diversidade nas aulas de Educação Física ao longo de um trimestre. A produção de dados teve início no dia 24 de abril de 2024 e será finalizada no dia 03 de julho de 2024, sendo realizadas 24 aulas, com uma frequência semanal de três aulas, totalizando oito semanas de pesquisa.

A cada semana uma temática diferente tem sido contextualizada. As temáticas trabalhadas até o momento foram: Construindo uma comunidade de aprendizagem; Educação Física tradicionalista; Estereótipos e práticas corporais; Práticas corporais, relações étnico-raciais e matrizes africanas; Gênero e práticas corporais; Práticas corporais inclusivas; Práticas corporais dos povos originários e TRANSformando os esportes. Em cada aula são feitas rodas de conversas iniciais e finais, nas quais processo histórico é contextualizado e problematizado, relacionando a vivência prática proposta. Representantes santistas que através das práticas corporais trabalham a equidade foram convidados para relatar suas histórias e seus desafios. Um mestre de Capoeira veio dialogar sobre as práticas corporais de matrizes africanas, e uma professora que criou o Instituto Futdelas, dialogou sobre gênero e práticas corporais.

Procedimentos de análise dos dados

Para o procedimento de análise dos dados levantados a partir dos diários de aula, utilizaremos o método de Categoria de Codificação, proposto por Bogdan e Biklen (1994). Este método se dá a partir de três passos fundamentais: a leitura dos documentos, a codificação dos materiais (encontrar os códigos de cada transcrição) e a categorização (aglutinar os referidos códigos).

No caso específico desta pesquisa, as ações e intervenções proposta intercala momentos de ação direta dos(das) alunos(as) (atividade prática) com momentos de diálogos e discussões (parada para a reflexão). Assim, temos uma dinâmica que possibilitará muitas interações em que ações, atitudes e conceitos estarão emergindo e poderá compor uma série de códigos que indiquem os processos educativos.

Após a codificação de todos os dados coletados e com as listas já agrupadas, temos a última etapa denominada categorização. De posse dos agrupamentos da etapa anterior, realiza-se um diálogo entre os diversos códigos que emergiram de cada lista, colocando-as em categorias. Estas categorias devem conter códigos abrangentes de forma a descrever os elementos que ali estão (Bogdan; Biklen, 1994).

Resultados Esperados

Esperamos que após a aplicação da pesquisa, os discentes envolvidos compreendam a importância da construção de uma comunidade de aprendizagem que acolham as diversidades, com respeito e empatia. Com o uso de metodologias de ensino que colocam os(as) alunos(as) como protagonistas, incentivando cada vez mais uma participação ativa de todos(as).

A unidade didática apresentada é uma oportunidade para dialogar, pensar e ampliar as reflexões sobre as possibilidades de construção de práticas pedagógicas acolhedoras, superando o modelo de ensino tradicional, pautado apenas pelo ensino das técnicas de movimentos, priorizando os mais habilidosos e avançando o seu ensino para uma prática inclusiva e transformadora, em que o(a) aluno(a) se sinta acolhido e tenha experiências prazerosas e bem-sucedidas.

Diante disso, acreditamos que o diálogo, as problematizações, os questionamentos e práticas pedagógicas que buscam a inclusão dos(as) alunos(as) podem contribuir para minimizar as desigualdades e a inclusão de todos nas aulas de Educação Física.

Esperamos também que os dados emergentes da pesquisa possam servir de referência para fomentar práticas inclusivas e acolhedoras com outras turmas de diferentes etapas da Educação Básica, tanto para as aulas de Educação Física como para o contexto escolar de uma forma mais ampla.

Produto Educacional

Com o intuito de divulgar os resultados obtidos a partir do desenvolvimento desta pesquisa, como recurso educacional, pretendemos elaborar um ebook sobre a unidade didática ou um curso direcionado, sobretudo, a professores(as) e estudantes de licenciatura em Educação Física, intitulado “Diversidade nas aulas de Educação Física”. O formato do curso será aberto gratuito e a distância pelo Portal de Cursos Abertos (PoCA) com certificação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

Referências

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sara K. Notas de campo. In: Robert C.; BIKLEN, Sara K. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto, 1994, p. 150-195.

FREITAS Liliann R. P. Foucault, Butler e Louro vão à escola: Reflexões sobre gênero e diversidade no cotidiano escolar. In: MONTENEGRO, Rosilene D.; SILVA, Fabio R. (org.). **Estudo de gênero: sexualidade, corpo e representação**. Campina Grande: Amplla, 2022.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora Martins Fontes. 2017.

JESUS, Beto; RAMIRES, Lula; UNBEHAUM, Sandra; CAVASIN, Sylvia. **Diversidade Sexual na Escola: uma metodologia de trabalho com adolescentes e jovens**. Ed. Especial, revista e ampliada. São Paulo: ECOS – Comunicação em Sexualidade, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, n. 3, p. 621-626, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232012000300007>. Acesso em: 18 jun. 2023.